

PONTO DE VISTA

SITUAÇÃO DA CAPACITAÇÃO DOCENTE E PERSPECTIVAS DE CRIAÇÃO DE CURSO DE PÓS- GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, UFMG*

Livia de Castro Magalhães**

MAGALHÃES, L.C. Situação da capacitação docente e perspectivas de criação de curso de pós-graduação em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 9, n. 3, p.119-24, set. / dez., 1998.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir as perspectivas de criação de curso de mestrado em terapia ocupacional na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. São levantadas tanto as principais dificuldades para se criar um curso de pós-graduação dentro de uma Universidade Federal, quanto questões específicas da profissão, como a necessidade de fortalecimento de linhas de pesquisa, definição de áreas de estudo e problemas relacionados ao financiamento de projetos. Apesar do trabalho ser baseado em uma perspectiva individual, centrada na situação específica na UFMG, as idéias levantadas poderão dar subsídios para discussões sobre a criação de programas de pós-graduação em terapia ocupacional em outras universidades.

DESCRITORES: Educação de pós graduação. Terapia ocupacional.

Este trabalho inicia com um breve levantamento sobre a situação da capacitação docente e do desenvolvimento de pesquisa pelos professores do curso de Terapia Ocupacional da UFMG. Em seguida são discutidas as possibilidades de criação de um programa de mestrado em Terapia Ocupacional na UFMG, bem como os problemas a serem enfrentados ou antecipados antes de sua criação. Gostaria de salientar que este trabalho não representa, necessariamente, a opinião dos meus colegas de departamento, pois não temos discutido este tema. Procurarei expor minhas idéias e expectativas acerca da pós-graduação em Terapia Ocupacional, com base nas vivências do dia a dia, tanto como professora

quanto como aluna, e em reflexões sobre o tema.

CAPACITAÇÃO DOCENTE NA UFMG

O curso de Terapia Ocupacional da UFMG, assim como muitos outros cursos do país, é oferecido por um departamento único de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (DFTO)⁽¹⁾, mas em contraste com área de inserção de outros programas, o nosso departamento faz parte da Escola de Educação Física da UFMG. O DFTO está em vias de desmembramento, aguardando no entanto, segundo critério para departamentalização, a formação de "massa crítica" ou capacitação dos professores.

⁽¹⁾ Recentemente em maio de 1998, o DFTO foi desmembrado em dois Departamentos, de Fisioterapia (DFIT) e Terapia Ocupacional

* Íntegra da palestra apresentada no V Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional em Recife, outubro de 1996.

** PhD., TO. Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

Endereço para correspondência: Livia de Castro Magalhães. Rua Itapagipe, 729, B. Bairro Concórdia. 31110-570 - Belo Horizonte, MG. e-mail: liviam@gcsnet.com.br.

Atualmente o DFTO conta com 41 professores, sendo 23 do curso de Fisioterapia e 18 de Terapia Ocupacional. Em resposta tanto à demanda interna, ou anseio dos professores, quanto externa, de pressão para capacitação que permita a redepartamentalização, o DFTO vem desenvolvendo uma política de capacitação docente. De acordo com esta política até 30% do corpo docente pode estar afastado para cursar pós-graduação. Como resultado desse plano, 33,2% dos professores da Terapia Ocupacional são titulados a nível de mestrado ou doutorado e 66,8% contam apenas com graduação, acrescida ou não de especialização⁽²⁾. Dentre os professores titulados contamos com uma doutora em psicologia da educação (EUA), três mestres nas áreas de psicologia social e do trabalho, filosofia da educação, fisiologia (pós-graduados no Brasil) e dois mestres em terapia ocupacional (EUA e Canadá). Atualmente contamos com quatro professoras em doutoramento e três cursando mestrado, sendo assim, em cerca de cinco anos esperamos contar com pelo menos cinco doutores e cinco mestres.

Considerando o desenvolvimento de pesquisa atualmente há registro de seis estudos, dos quais, quatro são trabalhos desenvolvidos como tese e dois são estudos independentes da pós-graduação, conduzidos com apoio de CNPq. Dentre os seis estudos, apenas dois abordam temas específicos de terapia ocupacional.

Considerando esta situação me pergunto: *é possível pensar seriamente na implantação do mestrado em Terapia Ocupacional na UFMG?* Acredito que podemos e devemos pensar nesta possibilidade, mas antes de mais nada, temos que fazer um planejamento estratégico levando em consideração os seguintes problemas:

- Experiência em pesquisa

Entendendo que a pós-graduação parte da pesquisa, antes de criar um programa temos de nos esforçar para termos pelo menos um grupo ativo de pesquisa. Um grupo que tenha experiência não só nos métodos da pesquisa em si, mas também que tenha:

- trânsito e aceitabilidade junto aos órgãos financiadores de pesquisa;
- experiência em escrever projetos, atrair e gerenciar recursos, bem como com potencial para conseguir bolsas para os futuros

mestrandos; e

- experiência com publicações nacionais e internacionais.

Tudo isso demanda tempo, dedicação e trabalho dirigido para esta meta. Isso, no entanto, vem sendo difícil, senão impossível na UFMG. Temos um acúmulo de encargos didáticos, resultado de um curso de graduação longo, em cinco anos e também um acúmulo de encargos administrativos, que consomem ânimo e tempo.

Um outro problema é que, apesar dos professores entre si comentarem sobre a importância da pesquisa, a nível institucional ou prático, no DFTO a pesquisa é uma atividade importante para compor os planos de trabalhos anuais, mas que deve ser reservada para as horas vagas e fins de semana. Não existe um planejamento a longo prazo de aproveitamento dos doutores ou incentivo à pesquisa, ao contrário, amarrados pela estrutura universitária, que exige titulação para certas posições administrativas, os poucos doutores acabam não se dedicando nem ao ensino nem à pesquisa, mas sim à administração. Estes problemas, acredito, não são específicos da UFMG, eles parecem comuns à todas as escolas de Terapia Ocupacional, especialmente nas Universidades Federais. Me pergunto: existe alguma forma de fugirmos deste modo contínuo? Será possível fazer um trabalho mais racional, com maior suporte à produção científica? Penso que isso é imprescindível para o desenvolvimento da profissão e criação da pós-graduação.

Lendo a revista *Veja* recentemente, deparei-me com um ensaio contendo uma breve passagem que parece sob medida para a situação:

“O objetivo da administração deve ser aumentar a capacidade da instituição para o ensino e a pesquisa. Essas são as suas missões. Os professores não devem perder tempo com o excesso de responsabilidades administrativas. O autogoverno, com seu excesso de comitês, reuniões e outros processos, drena o tempo dos professores e alunos, tornando-se prejudicial. Corrói o mais precioso de todos os fatores de produção intelectual: a disponibilidade de tempo sem interrupções” (CASTRO, set. 1996, p. 154)².

⁽²⁾ atualmente o DTO conta com dezoito professoras, das quais, duas tem doutorado e seis tem título de mestre, havendo três professoras cursando doutorado e dois mestrado.

- Definição e fortalecimento de linhas de pesquisa

Analisando a produção científica do DFTO fica evidente que a pós-graduação em áreas afins reduz o número de pesquisas específicas em Terapia Ocupacional. A maior parte dos trabalhos tem sido desenvolvidos como teses em programas de mestrado e doutorado, que na maioria das vezes não tem relação direta com a Terapia Ocupacional. Sem tirar o mérito destes trabalhos, acredito que devemos, principalmente, nos empenhar na abordagem de temas que contribuam para fortalecer a profissão aos olhos da comunidade. É importante desenvolvermos estudos sobre:

- a eficácia das técnicas de tratamento que utilizamos;
- instrumentação específica de avaliação, que reflita os objetivos da profissão e nos dê elementos para analisar as mudanças funcionais que acreditamos promover em nossos pacientes; e
- antes de tudo, temos que abordar temas que contribuam para a solução dos problemas existentes na nossa realidade sociocultural.

Considerando a especificidade da prática da Terapia Ocupacional no nosso país deve-se discutir a questão da importação de teorias ou tecnologia. Neste sentido, gostaria de dizer que, vivendo por vários anos fora do país, tive a chance de apreciar as diferenças culturais entre Brasil e EUA. No trabalho clínico com crianças pude perceber como as mães norte americanas são diferentes, como lidam com o comportamento da criança de uma maneira mais objetiva e como participam ativamente no tratamento, uma vez que tem maior acesso à informação técnica. Tendo que me adaptar a essas circunstâncias, pude também observar como o papel do “doente” nos EUA, influenciado pelos movimentos afirmativos e leis de proteção ao indivíduo, é mais ativo. Pude notar também diferentes nuances na forma como brasileiros e norte americanos encaram a atividade e o trabalho.

Considerando que diferenças culturais existem, será que as teorias de Terapia Ocupacional desenvolvidas ao longo dos anos em outros países não nos interessam? Penso que não podemos nem devemos desprezar esses conhecimentos já adquiridos. Nós temos *sim* o desafio não só de criar nossos modelos, mas também de criticar e testar teorias existentes, propondo as mudanças que nos convierem. Para atingir tanto o objetivo de testar como o de propor teorias, penso que é essencial para a criação da pós-graduação em Terapia Ocupacional o

desenvolvimento de *linhas de pesquisa*.

Por definição linhas de pesquisa são o fio condutor, aglutinador e orientador dos esforços investigativos (ARANCIBIA)¹. Trata-se do projeto básico de investigação em qualquer programa de pós-graduação, que vai criar um ambiente propício à pesquisa, dando consistência e continuidade às atividades do grupo (ARANCIBIA)¹. As linhas de pesquisa dão identidade ao grupo, podendo servir como elemento para atrair, ou mesmo orientar alunos para a escolha do programa de pós-graduação mais adequado, de acordo com as expectativas do aluno. Na UFMG viemos lentamente tentando desenvolver uma linha de pesquisa na área de desenvolvimento infantil. Contamos com um pequeno grupo de docentes capacitados nesta área, temos pesquisa em andamento e, se pudéssemos contar com maior suporte do DFTO, poderíamos ter uma produção científica mais consistente.

- A questão do isolamento

Talvez em virtude das minhas constantes ausências do país, sinto que há pouco intercâmbio entre os pesquisadores terapeutas ocupacionais. Só há encontros esporádicos, discussões breves e as publicações são dispersas, centradas em uma escola ou outra. Penso se não seria o momento de darmos suporte a um periódico nacional, uma revista forte, de maior divulgação, onde possamos trocar idéias. Fica a proposta para os leitores.

- Projeto de autonomia universitária

Na UFMG, apesar de ainda não estarmos preparados para a criação do mestrado, os professores das Federais estão caminhando para uma encruzilhada. Com a aprovação do projeto de lei da “autonomia universitária” os recursos para os cursos de graduação serão distribuídos, dentre outros fatores, de acordo com:

- nível de capacitação docente;
- produção científica;
- número de evasões dos cursos; e
- oferta de curso de pós-graduação.

Em recente distribuição de verbas pelo MEC (Prograd/MEC 96) tivemos uma prévia do que vai acontecer com cursos com baixa capacitação docente, baixa produção científica e alguma evasão: vão ficar à mingua, com recursos ainda mais reduzidos. Neste sentido, a criação da pós-graduação na UFMG não é apenas uma questão de desejo de alguns professores, *nós eventualmente vamos ter que fazer isso!*

- Características do mestrado em Terapia Ocupacional e perspectivas na UFMG

Considerando que vamos caminhar para a criação de cursos de mestrado em Terapia Ocupacional eu me pergunto: qual seria o objetivo da pós-graduação em Terapia Ocupacional? O objetivo seria o aperfeiçoamento de profissionais para a clínica? Seria a formação de professores? Ou o mestrado seria um processo intermediário na formação de pesquisadores?

Na minha opinião já existem inúmeros cursos de aperfeiçoamento e especialização, oferecidos inclusive por universidades, que cumprem o papel de aperfeiçoamento clínico de profissionais. Nós precisamos de mais cursos deste tipo e eles devem ser estimulados. O mestrado, no entanto, deve ser voltado para a formação do profissional que vai consumir e produzir pesquisa. Penso em um programa eminentemente teórico, voltado para o estudo dos dilemas da Terapia Ocupacional, o que não exclui a possibilidade de algumas disciplinas mais práticas, ou clínicas.

Acompanhando o processo de criação do mestrado dirigido para a formação profissional, proposto pela CAPES (Portaria 47, 17/10/95), que afinal não foi à frente, vejo que existe a idéia da criação de um programa “fim de linha” para pessoas que não tem interesse em persistir e continuar avançando até o doutorado. Apesar desta proposta não ser do meu agrado, e da mesma já ter sido descartada pela própria CAPES, é importante considerarmos que se tal proposta foi levantada é porque possivelmente existe interesse e recursos para criação de programas mais clínicos.

Voltando à UFMG, as possibilidades de criação de um mestrado em Terapia Ocupacional vem sendo de uma forma ou de outra levantadas. Existem, a princípio, as seguintes opções:

- implantação de programa junto ao curso de Educação Física: a vantagem seria que já existe um programa de mestrado aprovado, com laboratórios, equipamentos e material de suporte necessários. O problema, no entanto, é que seria difícil definir linhas comuns de pesquisa, especialmente na Terapia Ocupacional. Além disso, o programa recebeu o conceito D da CAPES⁽³⁾. Apesar deste conceito ser questionável, isso nos coloca desde o início

em situação de desvantagem para financiamentos de pesquisa. A experiência do mestrado em Educação Física, muito próxima a nós na UFMG, deve nos alertar para as dificuldades de se implantar pós-graduação sem linhas de pesquisa definidas, poucas publicações e pequeno retorno em termos de alunos graduados;

- programa conjunto com o curso de Fisioterapia: a vantagem seria contarmos de imediato com maior número de docentes capacitados, o que resultaria em maior divisão de trabalho. Além disso, programas interdisciplinares são bem vistos pelas agencias financiadoras. O problema novamente seria com relação ao desenvolvimento das linhas comuns de pesquisa, o que não é inviável, mas é bom lembrar que desta forma continuaríamos perpetuando as históricas disputas entre Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Saliento que programas interdisciplinares para fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais já existem fora do país. O doutorado da Universidade de Boston (EUA), denominado Estudos Terapêuticos, é interdisciplinar e aberto aos profissionais das duas áreas. O programa é excelente, sendo ofertado um corpo de disciplinas comuns, entremeadas a cursos que permitem a especialização dos profissionais em suas respectivas áreas;

- programa independente em Terapia Ocupacional: só seria possível a longo prazo, o que dificulta a proposta;
- explorar possibilidade de parcerias: há interesse em cooperação, tanto em nível nacional quanto internacional, que deve ser explorado. Atualmente, com a internet e melhor acesso a meios de comunicação, é possível pensar em programas condensados e em orientação à distância. Nós temos que explorar as possibilidades de programas institucionais, tais como as “bolsas sanduíche”, recursos para contratação de professores convidados, estudos interdisciplinares e intercâmbio entre universidades. Isso permitiria a criação de programas mais flexíveis, talvez de acesso mais fácil aos nossos alunos.

⁽³⁾ A atual classificação do curso pela CAPES é 3.

Como exemplo, no meu programa de doutorado, na área de psicologia da educação (Universidade de Illinois, EUA), foi possível cursar disciplinas nas escolas de educação, psicologia, terapia ocupacional e fisioterapia. Também me foi aberta a possibilidade de cursar disciplinas em outras universidades da mesma região que oferecessem disciplinas de meu interesse. Estas oportunidades foram muito bem aproveitadas. Além disso tive acesso a orientadores de diferentes universidades, mesmo em outros estados, o que por um lado era incomodo devido às distancias, mas me deu oportunidade de trabalhar sob diferentes perspectivas.

Voltando às características do programa de mestrado propriamente dito, penso que ele deve emanar das linhas de pesquisa, daí a importância das mesmas. Tomando as palavras do Conselho de Pós-Graduação da UFMG:

"... a definição de linhas de pesquisa torna-se, portanto, suporte necessário à produção do conhecimento, que vai ter sua ressonância no interior dos cursos, dinamizando as atividades de professores e alunos" (apud ARANCIBIA, 1996, p-44)¹. Há necessidade de haver "coerência entre as linhas de pesquisa, estrutura curricular e expectativas e aptidões dos pós-graduandos" (ARANCIBIA, 1996, p-43)¹.

Não há necessidade de uma linha única no programa, mas todo aluno ao ingressar em um programa de mestrado deve ter, de antemão, uma noção das linhas de pesquisas desenvolvidas pelo grupo de orientadores, não há necessidade de se aderir à elas, mas devem ser a linha mestra da pós-graduação/mestrado.

Segundo o que pude observar, os programas de pós-graduação mais fortes nos EUA tem linhas de pesquisa definidas: Los Angeles com a Ciência da Ocupação, Chicago com o Modelo da Ocupação Humana e Boston com o desenvolvimento da habilidade funcional. Além da ênfase em linhas de pesquisa, a maioria destes programas conta com um corpo docente interdisciplinar. Antropólogos, sociólogos e estatísticos, contratados como docentes em departamentos de Terapia Ocupacional, vêm dando grandes contribuições no estudo da natureza da prática em Terapia Ocupacional, do raciocínio clínico e de métodos estatísticos mais flexíveis e próprios para a clínica. Esta diversidade do corpo docente demonstra um interesse saudável em abordar problemas por diferentes

caminhos. Penso que esta é uma idéia que também deveria ser explorada no Brasil.

Um outro ponto que gostaria de salientar é que acredito que a pós-graduação em Terapia Ocupacional não deve se orientar para uma metodologia única de pesquisa. Apesar da orientação de autores norte-americanos como YERXA⁴ e CLARK et al.³, bem como sentir que aqui no Brasil se aponta para a primazia dos métodos qualitativos na pesquisa em Terapia Ocupacional, acredito firmemente que o método de pesquisa depende da pergunta que se faz. Certos problemas exigem tratamento qualitativo, outros quantitativo e outros a combinação dos dois. Penso que temos que saber tirar vantagem de todos os recursos disponíveis para pesquisa. Neste sentido, considero que na criação de programas de mestrado em Terapia Ocupacional devemos cuidar para termos um corpo docente diversificado, com experiência nas diferentes metodologias de pesquisa.

Terapeutas ocupacionais lidam com problemas muito diversificados, como por exemplo: Qual é a relação entre contexto e desempenho funcional? Quais são os valores que sustentam o desempenho das AVDs? É possível prever o desempenho funcional do paciente após a alta, no retorno ao lar? A facilitação de mecanismos de integração sensorial resulta em melhorias no desempenho escolar? A abordagem destas questões exige estudos sistemáticos com uso de metodologias diversificadas, que nos permitam capturar a complexidade dos problemas com os quais lidamos na clínica. Usando uma expressão americana, nós sabemos que "o mapa não é o território", mas um bom mapa nos ajuda a trilhar por caminhos desconhecidos, evitando, as vezes, o andar em círculos por ruas estranhas. Um mapa objetivo pode indicar caminhos, mas vamos sempre ter que usar nossa habilidade e sensibilidade para escolher os caminhos e apreciar a beleza da paisagem. Ou seja, no meu entender metodologias quantitativas e qualitativas podem ser complementares.

Finalmente considero que qualquer programa de pós-graduação em Terapia Ocupacional não pode ficar à margem das prioridades das políticas nacionais nas áreas de educação e saúde. Nós temos que contribuir para a solução de problemas da comunidade, discutindo formas de nos inserirmos nos programas governamentais e definir estratégias para captação de recursos.

Penso que já é passada a hora de assumirmos nosso papel no âmbito universitário, exercendo ativamente as três funções básicas: ensino, extensão e pesquisa. Na UFMG nós temos um desafio enorme e muito trabalho pela frente, se decidirmos assumir a pós-graduação em Terapia Ocupacional. Mas este é um

trabalho estimulante que pode ficar mais fácil e interessante se exploramos as possibilidades de parceria e cooperação entre os docentes das diferentes escolas do país. Acredito que temos que começar a trabalhar neste sentido, se quisermos viabilizar o futuro da profissão.

MAGALHÃES, L.C. Professor's qualification and perspectives for opening a graduate program in occupational therapy at the Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 9, n. 3, p.119-24, set. / dez., 1998.

ABSTRACTS: The objective of this paper is to discuss the perspectives to create a graduate program in occupational therapy at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). The author presents both an overview of the main difficulties related to the creation of graduate programs in Federal Universities and a discussion of issues that are specific to the profession, such as the need to strengthen research, the definition of specific areas of inquiry and problems related to research funding. Although this work is based on an individual perspective, centered on a situation that is specific to UFMG, the ideas presented could be useful to subsidize similar discussions in other universities.

KEYWORDS: Education, graduate. Occupational therapy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANCIBIA, M.A. Reflexões sobre o conceito de linha de pesquisa. *Rev. Caminhos*, n. 12, p. 39-46, 1996.
2. CASTRO, C.M. Quem deve mandar na universidade? *Rev. Veja*, p. 154. 18 set. 1996.
3. CLARK, F., PARHAM, D., CARLSON, M.E., JACKSON, J., PIERCE, D., WOLFE, R.J., ZEMKE, R. Occupational science: academic innovation in the service of occupational therapy's future. *Am. J. Occup. Ther.*, v. 45/4, p.300-10, 1991.
4. YERXA, E.J. Research: the key to the development of occupational therapy as an academic discipline. *Am. J. Occup. Ther.*, v. 41/7, p.415-9, 1987.

Recebido para publicação: 26/08/98

Aceito para publicação: 23/09/98